

Todos os esforços do governo para baixar os preços, com sua política de juros altos, podem ser em vão. Com seus custos fixos lá em cima, as empresas vêm produzindo menores quantidades de produtos a preços cada vez mais altos, como forma de compensação. O re-

LEITURA DINAMICA

sultado será um Natal caro. Vê-se também o dólar em queda, em consequência das vendas dos exportadores. Na página 8, o presidente do BC, Francisco Góes, admite que falta um indexador, mas diz que o problema é de Marcílio. E o que também pensa o ex-ministro Simon-

sen, que propõe uma MP garantindo que não haverá mais choques. Vê-se ainda os japoneses preparando-se para voltar a investir no Brasil. Na página 10, a decisão do Congresso de tornar mais moderno o projeto de lei que acaba com o monopólio dos serviços portuários.

Recessão e preços altos ameaçam o Natal

WANISE FERREIRA

As compras de Natal podem reservar surpresas amargas para os consumidores. Embora o governo tenha apostado que a alta dos juros forçaria a indústria a desovar estoques, muitas empresas preferiram contornar a queda de vendas reduzindo a produção. Os custos fixos continuam os mesmos, mas serão agora distribuídos por um número menor de unidades — que, por isso, chegarão às lojas com preços mais altos. “O governo conseguiu quebrar a engrenagem da produção”, resume o empresário Antônio Ermírio de Moraes, superintendente do grupo Votorantim.

Esse ajuste se tornou mais evidente nos últimos meses no setor eletroeletrônico, cujas vendas caíram até 40%. Empresas como a Brastemp, a Metalfrio, a Cônsul e a Continental 2001 recorreram a férias coletivas — a Brastemp chegou a demitir 1.500 funcionários. A Panasonic, além das férias forçadas, promoverá um corte de pessoal para reduzir em 30% a sua produção. De acordo com o consultor Celso Lora, diretor da Price Waterhouse, ajustes semelhantes estão acontecendo nos setores têxtil e alimentício.

Férias coletivas são o primeiro passo de uma empresa com estoques elevados para ganhar fôlego na comercialização de seus produtos. “Ninguém quer ficar com estoque pagando esses juros que estão aí”, explica Antônio Ermírio. Mas a volta ao trabalho, com produção reduzida, pode vir acompanhada de demissões: ao lado dos fornecedores, a mão-de-obra é um dos custos variáveis que podem ser cortados. “A tendência é de aumentar o desemprego, apesar de muitas empresas estarem seguindo um certo número de funcionários como reserva por dois ou três meses”, comenta Lora.

Efeito 13º

Se as dispensas aumentam agora, o mesmo tende a acontecer com os preços aos primeiros sinais de aquecimento do mercado — o que pode acontecer quando os trabalhadores começarem a receber o 13º salário. Nessas circunstâncias, Lora classifica a redução da produção como um

Para o empresário Antônio Ermírio de Moraes, a política econômica do governo quebrou a estrutura da produção. E o resultado pode bater ainda mais no consumidor, no fim do ano.

movimento inflacionário. “As empresas estão se ajustando no limite do mercado, e antes de investir no aumento da produção elas esperam por alguns meses, para sentir se o aumento de demanda permanece”, diz o consultor. “Caso contrário, preferem garantir a produção nos níveis anteriores, deixando de ganhar mas evitando prejuízos e perda de patrimônio.” Alberto Mathias, da consultoria Austin Assis, faz uma análise semelhante: com a produção no limite e a entrada do 13º salário, a inflação só não subirá ainda mais se as taxas de juros tornarem os investimentos atrativos, inibindo o consumo.

“Essa política monetária desorganizou a oferta, e agora qualquer sinal de aumento de demanda vai causar um repique inflacionário, pois as empresas estarão repondo estoques a um preço alto”, alerta Roberto Nicolau Jeha, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Na sua opinião, o efeito perverso desse ajuste é o aumento do desemprego — e, consequentemente, a diminuição do mercado interno. Na avaliação de Lora, da Price Waterhouse, a aposta do governo de que as indústrias iriam queimar estoques só vale para as empresas endividadas. Elas não têm condições de parar a produção, pois precisam manter o faturamento para saldar seus compromissos.